

dossiê | dossier

archai 

n° 22, Jan.-Apr. 2018

Página deixada propositadamente em branco



Gabriela Geluda em *Kseni, a estrangeira* (2006), de Jocy de Oliveira.
Foto: Calé Merege

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Página deixada propositadamente em branco

INTRODUÇÃO: *MEDEIA(S)*: ENTRE A FILOSOFIA, A RETÓRICA E A LITERATURA

INTRODUCTION: *MEDEA(S)*: AMONG PHI- LOSOPHY, RHETORIC AND LITERATURE

COELHO, M. C. M. N. (2018). Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura. *Archai*, n.º 22, Jan.-Apr., p. 157-166
DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_22_6

Esse foi o tema do *XIII Seminário Internacional Archai*, realizado em Brasília, de 5 a 7 de março de 2016. O encontro teve a participação de quatorze palestrantes convidados, dos quais sete têm seus artigos publicados neste número da revista *Archai*.¹ Uma das apresentações consistiu em uma *performance* da cantora lírica e atriz Gabriela Geluda, cuja imagem, em momento de sua atuação na ópera

archai 

n.º 22, Jan.-Apr. 2018

Kseni - a estrangeira, de Jocy de Oliveira, ilustra a abertura deste dossiê.

Como organizadores², ao propor este tema a todos os participantes (palestrantes e ouvintes), acreditávamos — e esta crença ainda persiste e justifica, em parte, este dossiê — que cabe a estudiosos de diferentes áreas, em trabalho colaborativo, analisar o papel de obras complexas e fundantes das origens do pensamento ocidental, como as *Medeias* de Eurípidas e Sêneca, bem como sua recepção posterior, seja na adaptação e transposição de tais obras para o cinema, teatro ou literatura, ou no estudo de temas estéticos, retóricos, éticos e políticos ali presentes. Dos dois primeiros temas, destacamos o prazer estético que nós, como espectadores/leitores, sentimos ao ter contato com essa tragédia, afetados que somos, também, pela tradição aristotélica que nos condiciona, ainda, a lidar com as emoções de terror (φόβος) e piedade (ἔλεος) produzidas pela raiva (ὀργή) e subsequente vingança de Medeia, após saber que Jasão rompeu um juramento feito. Quanto aos dois últimos temas, lembremos a dificuldade de tratar do problema da deliberação racional³ que leva ao infanticídio e o conseqüente problema do exílio. Tais temas reverberam, ainda hoje, nas páginas dos jornais e nas discussões sobre direitos humanos e liberdade, nas esferas da vida pública e privada. Destarte, propusemos aos convidados a investigação do papel das obras ficcionais em nossos valores e experiências cotidianas, bem como a discussão da interface entre representações imagéticas e textuais do passado, estimulando um diálogo interdisciplinar entre áreas afins: filosofia, direito, letras clássicas, literatura comparada, cinema e teatro, entre outros.

Neste dossiê apresentamos um conjunto que acreditamos seja representativo do espírito do *XIII Seminário Archai*, embora, claro, cada artigo possa também ser lido como texto independente, refletindo as discussões pontuais sobre esse antigo mito e os textos clássicos que o elaboraram e transmitiram, seja quanto a problemas de edição, tradução e de recepção nas artes contemporâneas, principalmente literatura, teatro e cinema, seja quanto a problemas morais e políticos que as releituras desse mito acarretam. A sequência de apresentação dos artigos seguiu a ordem histórica na recepção do mito, de Eurípides ao cinema contemporâneo, embora, no primeiro artigo, intitulado *Com Medeia solitária no banco dos réus*, de Delfim Leão, já fique evidenciado aquilo que se tornou quase um jargão, mas que merece ênfase, a saber, que nosso olhar sobre o passado é sempre um caminho de mão dupla. Como o leitor poderá ver, ao estudar a situação jurídica de Medeia à luz do direito ático, Delfim avança, em parte para elucidar, por comparação, aspectos específicos da cultura grega do século V a.C., não apenas até a *Medeia* de Sêneca, mas também até Victor Hugo, levando-nos a refletir sobre o isolamento de Esmeralda, no romance *Notre-Dame de Paris*, publicado em 1831. Em diálogo com o de Delfim, temos o artigo de Stefania Giombini, *O direito na Medeia de Eurípides*. A autora, pela sua dupla formação em filosofia e em direito, se debruça sobre o tema do juramento em dois momentos diferentes do direito grego — propositadamente mesclados na tragédia euripidiana — classificado em uma fase arcaica e em outra clássica, nas quais o simples juramento dá lugar a aspectos mais complexos de uma jurisprudência familiar.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, 'Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura', p. 157-166

O terceiro artigo, de Fernando Rodrigues, transporta-nos para o universo das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, já no período helenístico, e muda o foco, se compararmos com os artigos anteriores. O autor destaca não apenas a questão literária sobre a construção da personagem Medeia, representada por aspectos aparentemente contraditórios — os de virgem ingênua e de feiticeira assassina —, já que são harmonizados no poema épico, mas também interpreta, ao discutir o conceito de heroísmo, o protagonismo de Jasão frente aos outros argonautas. A comparação entre Medeia e Nausícaa, que o autor faz em seu artigo, e mesmo a referência a outra princesa, Ariadne, são assaz pertinentes para destacar as estratégias retóricas que Apolônio atribui a Jasão, no intento deste de persuadir a princesa colca a ajudar os gregos. Muito a propósito, também, no âmbito deste dossiê, é a retomada, por Apolônio, do problema que herda da Medeia euripídiana, relativo a seu dilema e a defesa de sua reputação, no momento em que ela decide ajudar os gregos em detrimento de sua família.

O artigo de Renata Cazarini, intitulado *Cuncta quatiā: Medeia abala estruturas*, é o último a tratar do mito de Medeia no contexto da Antiguidade greco-romana. Sua interpretação está apoiada em sua tradução do texto de Sêneca, que foi objeto da dissertação de mestrado da autora (e que, esperamos, venha a ser publicada em breve). Renata propõe uma leitura que se instaura por meio de uma pergunta relativa ao impressionante final aporético da tragédia no âmbito do estoicismo: “Como é que essa mulher repudiada e irada acaba por ser uma espécie de heroína para o dramaturgo estoico?” A tentativa de resposta a tal questão se apoia, em parte, em sua

leitura da *Epistula 120*, do *De providentia*, e da peça *Hercules Furens*, para compreender como as relações entre o divino e o humano na *Medeia* estão ligadas ao tema da consistência de caráter e identidade da protagonista. O artigo, é importante destacar, defende, ainda, que *Medeia* é um excelente exemplo de texto que refuta a afirmação, corrente no século xx, de que as peças de Sêneca visavam à “disseminação da moral estoica”.

O artigo de Imaculada Kangussu, intitulado *Medeia escrava. Sobre Amada, de Toni Morrison*, propõe a leitura do romance *Amada*, com base no mito de *Medeia*, em particular na versão da tragédia de Eurípides. Lembrando-nos que o tema não é novo, o que não significa que o texto de Imaculada não traga uma nova abordagem, a autora mostra que a aproximação entre as duas narrativas não deixa de ser marcada, paradoxalmente, pelo distanciamento, na medida em que ambas, mesmo sendo personagens ficcionais, se diferem, já que a história da protagonista do romance, Sethe, é baseada na de Margaret Garner, filicida cuja imagem foi ligada aos movimentos abolicionistas norte-americanos, o que, tanto quanto sabemos, não acontece com *Medeia*. O fato de não termos informações dessa natureza em relação à vida cotidiana na Grécia Antiga e uma possível correlação com sua ficcionalização na literatura — dramática ou épica — não impedem pensarmos que casos reais de infanticídio possam ter sido ficcionalizados. Naturalmente, aqui entramos no problema metodológico da análise, do comentário e da interpretação de obras ficcionais de nosso tempo e de outras épocas, das quais nos restaram apenas os textos, sem seu contexto informativo mais amplo, e isso deve ser considerado nos estudos de recepção. Indiretamente, esse é um

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, 'Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura', p. 157-166

dos problemas que decorrem do artigo de Imaculada, ao tratar do binômio ficção-realidade. Vale destacar, ainda, que a autora se debruça sobre outra questão delicada: a das motivações para o infanticídio, trazendo o problema filosófico da deliberação segundo motivações eróticas e as consequências de uma escolha pautada por essa motivação.

O artigo de Tereza V. R. Barbosa poderia ter aberto este dossiê, na medida em que seu objeto é a exposição dos pressupostos e metodologia que nortearam a tradução da tragédia de Eurípidés⁴, obra colocada como ponto de partida para a discussão das figuras de *Medeia*. No entanto, ainda que sua reflexão seja a que decorra do contato mais próximo e constante com o texto grego, sua abordagem nos traz um conjunto de problemas e respostas estreitamente ligados ao contexto particular da recepção de *Medeia* no Brasil.⁵ O artigo é fruto da experiência da professora como tradutora de peças gregas que visam, primeiramente, não à sua publicação para serem lidas – uma influência da perspectiva aristotélica no ambiente acadêmico, que dá menor peso à encenação (*Poética*, 1450b15-20) e maior à leitura dos textos dramáticos –, mas à sua apresentação no palco, no contexto específico da língua portuguesa e da cultura brasileira. Enfatizando o conceito de (des) colonização, a diretora de tradução do grupo colaborativo de teatro Trupersa quer “motivar” (e ela consegue) o/a leitor/a a (re)ler/ver a tragédia ática “pelo viés da tradução comprometida com a (des)colonização do nosso país”. Como a autora informa, esta versão da *Medeia* foi encenada na íntegra na abertura do Segundo Congresso da Sociedade Brasileira de Retórica (em Belo Horizonte, em 2012). Tendo sido eu a presidente da comissão organizadora desse Congresso, sinto-me

particularmente feliz por incluir neste dossiê o artigo de Tereza, em parte por ele mostrar como o tema deste XIII Seminário Archai tem-nos ocupado nos encontros e colaborações acadêmicas que vêm sendo realizados há alguns anos.

O último artigo do dossiê é de Martin Winkler, e muito nos honra finalizarmos esse conjunto com o texto de um dos maiores especialistas em estudos clássicos e cinema e autor de uma vasta obra que se tornou referência para investigadores nessa área. Habitualmente é mais frequente em obras sobre a recepção da cultura clássica no cinema encontramos artigos que tratam de filmes nos quais Medeia é a protagonista: por exemplo, nas obras clássicas dos diretores Pier Paolo Pasolini, *Medea*; Jules Dassin, *A Dream of Passion*; Las von Trier, *Medea*; Arturo Ripstein, *Así es la Vida*, e Tonino de Bernardi, *Médée Miracle*. No artigo *Apollonius and the Golden Fleece: a neo-mythological screen legacy*, Martin analisa, além de *Medea* de Pasolini, seis filmes produzidos para o cinema e para a televisão, nos quais é indicado ou suposto que a causa do encontro entre Jasão e Medeia, o velocino de ouro, era, de fato, o objeto querido do herói grego. Em alguns desses filmes, Medeia nem chega a aparecer ou ser citada. Ao tratar do que ele chama de “legado neo-mitológico na tela”, o autor faz uma análise ilustrada por uma cuidadosa seleção de fotos dos filmes estudados. Certamente, a leitura do artigo de Fernando Rodrigues sobre as *Argonáuticas* contribuirá para uma compreensão maior de um dos itens discutidos por Martin Winkler: a descrição do velocino por Apolônio, na qual, aliás, o autor indica um problema importante para os que estudam a produção de imagem por meio dos

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, 'Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura', p. 157-166

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, 'Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura', p. 157-166

textos (e os efeitos retóricos de *ekphrasis* e *enargeia*), qual seja, a maneira como o cinema, ao levar tais histórias para a tela, deu visibilidade real àquilo que era apenas uma imagem mental.

Em relação ao velocino, esse objeto mágico do desejo de tantos, creio ser oportuno recordar, aqui, uma das releituras de Medeia no Brasil, a saber, a peça, jamais encenada, de Agostinho Olavo, *Além do rio (Medea)*. Chama atenção a ênfase dada pela protagonista, uma Medeia negra, aos cabelos louros de seus filhos — um tesouro que ela, no entanto, tem de perder, para punir Jasão e se libertar da “imagem” (dourada) do colonizador. Se é plausível ver nos cabelos dourados dos filhos de Jasão uma metáfora do velocino, a dor do herói pela perda dos meninos adquire um significado mais complexo. Por outro lado, os episódios políticos ligados a essa peça e à importância dela para a história do Teatro Experimental do Negro, que foi impedido de apresentá-la na África⁶, levam os leitores a se interrogar sobre as possíveis alusões que os conceitos de ouro ou de dourado podem adquirir, considerando que a ação trágica de *Além do Rio* se dá no contexto do tráfico de escravos da África para o Brasil. Destarte, o legado das narrativas e mitos é muito profícuo e complexo: mesmo um artigo como o de Martin, dedicado à transposição dos textos antigos para a tela, tendo como fio condutor o velocino de ouro, contribui, também, para investigar outras metamorfoses operadas em uma cadeia de recepção cujos elos nem sempre são fáceis de estabelecer, o que não deve inibir a investigação, podendo até mesmo torná-la mais instigante.

Apresentado o contexto que deu origem a estes artigos e algumas possibilidades de articulação entre eles,

só nos resta esperar que os leitores desfrutem do que é apresentado aqui, também como estímulo para outras (re)visões dos textos e filmes que, em conjunto, formam o mito de Medeia.

NOTAS

1 Os quatorze palestrantes foram os seguintes: Frederick Ahl (Classics/Cornell University), Sérgio Alcides Amaral (Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais), Tereza V. R. Barbosa (Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais), Maria Regina Candido (Faculdade de Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Renata Cazarini (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/Universidade Federal Fluminense), Carla Milani Damiano (Faculdade de Filosofia/Universidade Federal de Goiás), Gabriela Geluda (atriz e cantora lírica), Stefania Giombini (Derecho/Universitat de Girona), Imaculada Kangussu (Instituto de Filosofia/Universidade Federal de Ouro Preto), Delfim Ferreira Leão (Letras/Universidade de Coimbra), Ália Rodrigues (Cátedra UNESCO Archai/Universidade de Brasília), Fernando Rodrigues (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/Universidade de São Paulo), Ana Maria Vicentini (Association Encore), Martin M. Winkler (Classics/George Mason University).

2 Foram três os organizadores, pertencentes a diferentes instituições: Carolina Assunção e Alves (Comunicação/Centro de Ensino Unificado de Brasília), Gabriele Cornelli (Departamento de Filosofia/Universidade de Brasília) e eu, Maria Cecília de Miranda N. Coelho (Departamento de Filosofia/Universidade Federal de Minas Gerais).

3 Chamo atenção para dois artigos importantes na discussão desse tema, os de John Dillon e de Martha Nussbaum, *Medea among the Philosophers* e *Serpents in the Soul: a reading of Seneca's Medea*, respectivamente. Cf. Clauss e Johnston (1997: 211-8; 219-249).

4 Cf. Barbosa (2013).

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, 'Introdução: *Medeia(s)*: entre a filosofia, a retórica e a literatura', p. 157-166

5 Sobre as Medeias brasileiras, permito-me reportar ao meu artigo, Coelho (2013: 359-380), que mostra quão frutífera foi a recepção da tragédia de Eurípides entre nós.

6 Sobre o assunto, veja COELHO (2013).

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, T.V.R. (2013). *Medeia de Eurípides* (introdução e tradução). São Paulo, Ateliê Editorial.

CLAUSS, J.J.; JOHNSTON, S. I. (1997). (ed.) *Medea: Essays on Medea in Myth, Literature, Philosophy, and Art*, Princeton, Princeton University Press.

COELHO, M. C. M. N. (2013). Five Brazilian Medeas. In: *Dialogues with the Past*, vol. 2, BAKOGIANNI, A. (ed.) London BICS, p. 359-380.